

Política, Notícias e Repressão: a cobertura de O Progresso nas eleições de 1970 em Imperatriz - MA¹

Roseane Arcanjo PINHEIRO²

Doutora

Antônio Carlos Santiago FREITAS³

Mestrando

Leoan Alves de Sousa MORAES⁴

Jornalista

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

Resumo

A pesquisa tem como objetivo desvelar as características da cobertura política do jornal *O Progresso*, que começou a circular em Imperatriz - MA, em maio de 1970, ano de eleições, sendo o mais antigo em circulação até a atualidade na cidade. Ao surgir em um período conturbado da vida política brasileira, o impresso envolveu-se com a articulação de forças que se concretizava nas eleições daquele ano. Para executar o trabalho, foram investigadas matérias com enfoques voltados para acontecimentos políticos local e estadual, ocorridos entre 03 de março a 27 de dezembro de 1970. Por meio da análise de conteúdo, analisou-se 157 textos, entre os formatos nota, notícia e editorial, de modo a entender como a política e os personagens da época eram tematizados. A análise se divide em duas categorias: 1- Temas (Subdividido em: Eleições 1970, Obras e ações da Prefeitura e Governo do Estado); e 2- Atores políticos mais evidenciados.

Palavras-chave: História da Mídia Impressa; Jornalismo; O Progresso; Análise de Conteúdo; Imperatriz - MA.

Jornalismo, política e outras páginas

O jornalismo, a partir dos séculos XVIII e XIX, começou a se institucionalizar como uma das principais instâncias sociais que promove a intermediação dos leitores com o debate público. Ao documentar a realidade imediata, materializada através de suas manchetes, notícias e opiniões, o jornalismo incita homens e mulheres a refletir sobre o tempo presente, tempo da ação humana, onde grupos e cidadãos, por meio de consensos e conflitos, operam as mudanças sociais (FRANCISCATO, 2005, p. 33).

O jornalismo foi tomando corpo em razão de mudanças culturais e tecnológicas e, paulatinamente, a mensagem jornalística vai influenciar cada vez mais a cena política. Para

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutora. Professora adjunta do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da UFMA Imperatriz. E-mail: roseane.ufma@gmail.com

³ Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. E-mail: carlosguerreiros@gmail.com

⁴ Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. E-mail: leonasm@gmail.com

Franciscato (2005, p. 33), “assim o jornalismo cria e passa a operar com diversos laços sociais, como a periodicidade, a simultaneidade, a identidade e a unidade entre leitores, aspectos vinculados a uma atividade social que se torna instituição”.

Ao atuar no campo simbólico, o jornalismo vai instaurar o tempo de produção, de circulação e de recepção dos referentes sobre o mundo. “Os meios noticiosos conferem notoriedade pública a determinadas ocorrências, ideias e temáticas, que representam discursivamente, democratizando o acesso às (representações das) mesmas e tornando habitual o seu consumo” (SOUSA, 2018, p. 8).

Portanto, para essa análise adotaremos a teoria construcionista, que compreende o processo de produção da notícia como resultado da conjugação das forças presentes na sociedade e que se inter-relacionam: sejam organizacionais, culturais, políticas, sociais e tecnológicas, portanto, históricas (SOUSA, 2018, p.6). Os jornalistas constroem referências sobre a realidade, colaborando para a transformação dessa mesma realidade, que se transmuta por meio da ação dos sujeitos instigados pelas temáticas de interesse público, apontadas nas notícias publicadas.

Conforme Sousa (2018), as notícias se constituem das ações profissionais, dos constrangimentos organizacionais, dos interesses ideológicos, das perspectivas culturais, dos meios físicos nos quais a produção noticiosa é veiculada e das relações sociais que configuram as relações de poder. Apreendemos então que o jornalismo se articula à movimentação da sociedade e, portanto, ao poder político, porque tematiza para a população e gera representações sobre o que os sujeitos e projetos dessa instância propõem ou fazem efetivamente.

Ainda nessa proposição o jornal, ente privado, como *O Progresso*, tem uma posição ativa, é agente de possíveis transformações sociais, atua por meio das representações construídas quando elege um quadro explicativo dos principais acontecimentos da cidade de Imperatriz - MA, dos governos e seus dirigentes.

Constituindo agentes, práticas e valores intrínsecos, o jornalismo nasceu imbricado com a política, instância que organiza o cotidiano, a organização dos poderes e a vida em sociedade. Nessa perspectiva, as lutas políticas, que ordenam o jogo de forças nas sociedades, vão avançar sobre o jornalismo, que na sua dimensão simbólica constrói sentidos a envolver leitores e suas decisões na vida coletiva. O jornalismo é uma prática social que não se resume às suas tecnologias e técnicas de produção; na verdade, o fenômeno global do jornalismo está

profundamente ligado ao contexto sócio-histórico, com o qual interage (ROMANCINI, LAGO, 2007, p. 12).

É a partir desse entendimento, da correlação entre o jornalismo e a política que analisaremos o processo de produção da notícia do jornal *O Progresso*, no primeiro ano de sua fundação. Elaboramos algumas questões que norteiam nossas reflexões: com quais forças sociais o jornal se aliou em seu nascedouro? Qual o projeto político que demarcou a ação do impresso enquanto agente em sua realidade?

Dessa forma, podemos refletir sobre a participação do jornal na estruturação de forças políticas que se entrelaçavam na cidade e que buscavam domínio no começo dos anos 70 no Maranhão. Para tanto, trazemos a contribuição de Antônio Gramsci, crítico da ordem da capitalista, sobre o conceito de política: para ele política é a liberdade, a universalidade, a passagem do determinismo econômico para a liberdade política, quando a classe, por meio da atividade coletiva, se conscientiza de que é sujeito consciente da história, não se vê mais reduzida à dimensão econômica. Percebe seu potencial transformador da sociedade (COUTINHO, 2003, p. 71). Conforme Coutinho (2003, p. 70), todas as instituições sociais atuam politicamente, ao defenderem ideários, apontarem certos sentidos e não outros para a realidade ou proporem alternativas.

Outra análise que Gramsci, que faz nos ampara no estudo do jornalismo, é a concepção de economia para além do sentido de campo de produção. A estrutura econômica é delimitada pelas relações sociais empreendidas e dominantes. A estrutura (poderes constituídos) e as superestruturas (práticas culturais, leis etc.) integram o bloco histórico, uma síntese complexa das superestruturas que compreende também as relações sociais de produção.

Ao nomear a realidade, através das notícias, o jornal opera na conformação de ideias sobre os acontecimentos e foca determinados interesses, favorecendo o domínio de um certo grupo, ao qual o periódico está vinculado. O processo de conquista da hegemonia, outro conceito gramsciano, lança luzes sobre como o impresso se movimentou para manter-se articulado com as classes que almejam o poder dominante. Em um cenário de ditadura militar e censura, o jornal *O Progresso* fez opções políticas para ter fôlego político e financeiro a fim de não fechar as portas ou evitar as pressões e constrangimentos no período do regime militar.

Moraes (2010, p. 55) afirma que a hegemonia se concretiza no consenso obtido por determinada classe ou conjunto de classes sobre outras, em certas conjunturas históricas,

processo que não se resume a conquista viabilizada pela estrutura econômica e a força da violência. No entanto, abarca ainda a aceitação de crenças, condutas e de lideranças, em detrimento de outras visões de mundo e outros princípios. Essa mudança paulatina nas conjunturas políticas se acentua através do surgimento de outras opiniões, de normas morais e de percepções sobre a realidade social, movidas pelo entendimento da classe de que tem força política e liderança, atraindo para seus postulados outras forças e classes, para tanto é necessário um esforço ideológico e cultural de conformar as adesões ao projeto pretendido (MORAES, 2010, p. 57).

Nas décadas de 60 e 70 do século passado, podemos apreender que os meios de comunicação atuavam em um cenário de disputa ideológica e luta pela hegemonia política. A ditadura militar também articulou seu domínio através do controle político e do cerceamento às liberdades, o que envolveu a atuação da imprensa.

É relevante frisar que a cidade de Imperatriz não estava distante dos projetos relacionados aos grupos dominantes naquela época. Foi uma cidade cortada pela BR 010 (Belém-Brasília), teve em seu entorno projetos econômicos de exploração mineral dos recursos naturais, como a Ferrovia Carajás, financiados pelo Governo Federal naquele período. Além disso, estava próxima da área da guerrilha do Araguaia, com atuação no Pará, Maranhão e Tocantins, cujos integrantes começaram a chegar no final dos anos 60 na região e sofreram pesada repressão.

As primeiras páginas de “O Progresso”

O mais antigo veículo impresso em circulação de Imperatriz foi fundado em 3 de maio de 1970 pelo empresário e tipógrafo José Matos Vieira e pelo advogado e jornalista Jurivê de Macedo. Conforme um de seus fundadores, o impresso “seria um veículo de formação e opinião que ainda mais contribuiria para o franco desenvolvimento da região” (VIEIRA, 2008, p. 117).

O jornal nasceu num contexto de crescimento urbano e populacional, motivados principalmente pelos ares desenvolvimentistas após a abertura da rodovia Belém-Brasília. É respirando esses mesmos ares que o impresso, que toma em seu nome a palavra “progresso”, aparece e se apresenta para a crescente população imperatrizense da década de 70.

Chegamos até aqui que não é ainda a nossa meta. É nossa aspiração fazer deste noticioso um instrumento a serviço da coletividade de que somos parte. E que através

de “O PROGRESSO” possa a voz de Imperatriz fazer-se sentir em outros rincões, levando até êles a demonstração da pujança desta terra querida que dia a dia desperta para novos rumos e novos empreendimentos, estuante de vida, marco de transição entre o marasmo que ficou sufocado pelas máquinas que rasgaram a Belém-Brasília e os horizontes que se descortinaram ante os olhos de uma geração que surge (O PROGRESSO, 03 de Maio de 1970, nº 01, p. 01).

Mas o impresso não nasceu apenas em tempos de bons ventos, a sua fundação deu-se no período de auge da ditadura militar brasileira e esteve sujeito aos mesmos atos de censura do cenário nacional que a obra de Marconi (1980), *A censura política na imprensa brasileira 1968-1978*, caracteriza como uma época assombrosa para os profissionais da comunicação.

Na imprensa imperatrizense, as atitudes de indiferença do jornal diante da guerrilha do Araguaia, por exemplo, demonstram o cenário de medo perante as ameaças de prisão e tortura e até mesmo o risco de fechamento do veículo por se opor às imposições dos militares.

Preferiu se omitir, a informar o que acontecia. No governo mais duro e cruel do período militar nasce o jornal. Os seus primeiros funcionários sabiam das atitudes da censura no cenário nacional e trouxeram para Imperatriz novos traços de medo, de quem lida com o conteúdo noticioso (GEHLEN; GUIMARÃES, 2017, p. 170).

Em seus primeiros anos de atuação, *O Progresso*, inicialmente semanal, com publicação aos domingos, realizou suas coberturas jornalísticas e atuou como veículo de comunicação local cercado por cenários nacional e regional de intensos conflitos na esfera política que nortearam as escolhas para sua narrativa jornalística. O impresso continha apenas quatro páginas, sem a devida organização das matérias por editorias. As seções fixas eram o editorial “Nossa Opinião” e o “Desfile Social”.

Cinco anos após sua fundação, em outubro de 1975, o jornal é vendido por José Matos Vieira para o ex-promotor de Justiça de Imperatriz e empresário Sérgio Antônio Nahuz Godinho. Nesta gestão, o impresso passou a ter uma circulação diária – das terças aos domingos – e ser composto por 12 páginas. Jurivê de Macedo continuou na administração do impresso agora ao lado do advogado Agostinho Noleto. Ainda nessa mesma década, em 1978, o jornal é outra vez vendido. Por questões financeiras ele passa a ter como proprietário o empresário e advogado Sérgio Godinho e é atualmente de posse desta família.

Contexto político

Cabe uma breve explicação sobre o contexto político e socioeconômico vivenciado por Imperatriz em 1970. A cidade, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), tinha nesse ano uma população de 80.827 habitantes. O município experimenta até então seu maior crescimento populacional e econômico, impulsionado pelo ciclo da exploração da madeira na região. Segundo Franklin (2008), a cidade sofria com dois graves problemas: a inobservância da finitude das florestas nativas, devastadas sem reposição das áreas desmatadas; e a deficiência na infra estrutural, pelo fato do município não dispor à época de parque gerador de energia elétrica suficiente para a demanda de consumo, o que ocasionava longas interrupções no fornecimento de energia, paralisando fábricas e a própria cidade. De acordo com o historiador, empresários e a Associação Comercial e Industrial de Imperatriz teciam fortes críticas aos governos do Estado e Federal e também aos políticos locais pela ocorrência desses problemas. “A sobrevivência econômica do município estava em jogo; algumas indústrias já ameaçavam abandonar Imperatriz e se instalar noutras localidades” (FRANKLIN, 2008 p. 144).

O prefeito de Imperatriz era Renato Cortez Moreira, filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), considerado um partido de oposição na ditadura militar. No âmbito estadual, José Sarney⁵ – filiado à Aliança Renovadora Nacional (ARENA) - foi governador do Maranhão até a segunda quinzena do mês de maio de 1970. O político deixou o cargo vislumbrando uma vaga no Senado Federal nas eleições do referido ano. Após a vacância no Palácio dos Leões, assumiu o então vice-governador, o médico Antônio Dino, que governou o estado por menos de um ano.

No Brasil, estava em vigor o AI-5, Ato Institucional Nº 5, que se sobrepunha à Constituição de 1967, bem como às constituições estaduais, dava poderes extraordinários ao Presidente da República e suspendia várias garantias constitucionais. Nesse período, apenas dois partidos participavam dos pleitos eleitorais ARENA e MDB. O bipartidarismo foi criado pela ditadura militar através do Ato Institucional Nº 2. As eleições para Presidente da República e governador passaram a ser indiretas, definidas pelos colégios eleitorais de cada

⁵ Filiado ao Partido Social Democrático (PSD), Sarney iniciou na política como candidato a deputado federal, sendo eleito por três mandatos: entre 1956-1959, 1959-1963 e 1963-1965. Migrou para a União Democrática Nacional (UDN) por volta de 1958. Em 1964 posicionou-se contra o golpe militar, porém um ano depois, ingressou na ARENA e com o apoio dos militares foi eleito governador do Maranhão, exercendo o mandato entre 1965 e 1970. Foi eleito senador pelo Maranhão por dois mandatos entre 1971-1979 e 1979-1988.

competência (o Presidente era escolhido por um Colégio Eleitoral constituído por todo o Congresso Nacional e os governadores pelas Assembleias Estaduais). Contudo, ressalta-se que os governadores eram indicados pelo próprio Presidente da República, antes de serem submetidos à votação entre os deputados estaduais. Assim, o resultado das eleições não fugia do controle dos militares. Em 1970, o presidente Emílio Garrastazu Médici indicou ao governo do Maranhão o médico e político Pedro Neiva de Santana. Ele foi eleito por unanimidade na Assembleia Legislativa com 39 votos. Abaixo, os quadros mostram como a política estava organizada na época.

Tabela 1 - Representação política no executivo

Presidente da República	Partido	Vice-presidente da República	Partido
Emílio Garrastazu Médici	ARENA	Augusto Rademaker	ARENA
Governador	Partido	Vice-governador	Partido
José Sarney (até maio/1970)	ARENA	Antônio Dino	ARENA
Antônio Dino (interino)	ARENA		
Pedro Neiva de Santana (eleito)	ARENA	Colares Moreira (eleito)	ARENA
Prefeito de Imperatriz	Partido	Vice-prefeito de Imperatriz	Partido
Renato Cortez Moreira	MDB	Dorgival Pinheiro de Sousa	MDB

Fonte: Elaborado pelos autores

Tabela 2 - Representação política no legislativo

Senadores	Partido
Victorino Freire	ARENA
Sebastião Archer	ARENA
Clodomir Millet	ARENA
Deputados Federais do Maranhão (1966-1970)	Nº de parlamentares
ARENA	13 deputados
MDB	03 deputados
Deputados Estaduais do Maranhão (1966-1970)	Nº de parlamentares
ARENA	30 deputados
MDB	09 deputados
Presidente da Câmara Municipal	Partido
Wenceslau Brito	ARENA

Fonte: Elaborado pelos autores

Como se observa, a ARENA detinha maior capital político, tendo significativa representação em várias instâncias do poder. Em Imperatriz, cabia ao prefeito Renato Cortez Moreira, na condição de membro de uma força política de oposição, a capacidade de promover diálogos com situacionistas estaduais e federais para emplacar suas ações de governo, em meio a tantas demandas que emergiam.

Passos metodológicos

Com o propósito de cumprir os objetivos desta pesquisa, optou-se pela análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Foram pesquisadas matérias cujas abordagens tratam dos acontecimentos políticos nos âmbitos local e regional, com recorte temporal de 03 de março a 27 de dezembro de 1970, compreendendo o primeiro ano de atividades do jornal *O Progresso*. Ao total, foram 33 edições publicadas neste período⁶.

Através da análise de conteúdo foi possível mapear e classificar os textos relacionados ao problema levantado pela pesquisa. Ao fazer uso da análise de desta metodologia, conforme Bardin (1977), pretende-se obter, além de dados quantitativos, interpretações sobre as características que nortearam a produção noticiosa do impresso. O interesse da análise de conteúdo “não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a «outras coisas»” (BARDIN, 1977, p. 38).

O corpus verificado nos oito primeiros meses do impresso, compreende 157 textos, entre os formatos nota, notícia e editorial. Para compreender quais temas e personagens se sobressaíam na cobertura dos eventos, a análise se divide em duas categorias: 1) Temas; e 2) Atores políticos. A primeira categoria trata das principais abordagens levantadas pelo jornal, dentro da editoria política. A segunda elenca as personalidades do meio que se sobressaíram frente a uma gama de acontecimentos que também foram pautados.

O primeiro ano: a política na cobertura jornalística de *O Progresso*

Sem tantas variações de pautas, os temas levantados pelo *O Progresso*, basicamente, se dividem em três categorias: Eleições 1970; Obras e ações da Prefeitura e Governo do Estado. Estas temáticas representam 71% dos assuntos destacados pela cobertura política da época, desconsiderando a cobertura política nacional.

A categoria **Eleições 1970** se destaca pelo volume de textos, em relação aos outros dois subtemas. Foram 81 matérias que se voltaram para o termômetro político local e do Maranhão. O ano era decisivo para a definição dos governos estaduais e legislaturas. O jornal

⁶ Foram digitalizados 18 títulos de jornais, cujos exemplares foram doados à Universidade Federal do Maranhão pela comunidade. O endereço eletrônico é www.joimp.ufma.br. O trabalho foi organizado pela equipe do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória, do Curso de Jornalismo

buscou acompanhar a costura nos bastidores e trouxe os mais variados cenários se que desenhavam ao longo da corrida eleitoral.

Figura 1 - Capas do jornal *O Progresso* em 1970.



Fonte: O Progresso

O jornal *O Progresso* nasceu em maio de 1970 trazendo a movimentação política de um evento eleitoral que ocorreria apenas no mês de novembro. Bastidores e especulações sobre possíveis candidaturas de lideranças da região e do estado ganham destaque nas capas do impresso, sendo um recurso utilizado no primeiro bimestre de atividades do impresso para gerar repercussão. As eleições do referido ano definiriam os cargos de vereadores, deputados estaduais e federais, senadores da república e governadores dos estados.

Na cobertura da campanha, curiosamente, não se evidencia o andamento do processo político em torno da futura legislatura da Câmara Municipal. As atenções do veículo se voltam às constantes visitas ao município dos candidatos que almejavam cargos na Assembleia Legislativa do Maranhão e no Congresso Nacional. Havia uma preocupação do jornal em divulgar candidaturas que representassem a Região Tocantina nessas casas legislativas. O impresso lançou editoriais que expunham tal pensamento. A ideia era estimular os leitores a votar em candidatos de ou próximos a Imperatriz, argumentando que a cidade teria representante ativo às necessidades locais, não sumindo de cena após o pleito.

Esta iniciativa do jornal vai de encontro ao que defende Coutinho (2003) quando explica que todas as esferas do ser social são atravessadas pela política. Como também uma instituição que reivindica espaço no campo da defesa das ideias, a organização jornalística propõe uma alternativa política, visando produzir impactos ou sentidos na realidade do município.

Outra atenção do veículo foi de tornar público as crises internas no sistema bipartidário que vigorava. Na ARENA maranhense, por exemplo, não havia unidade quanto aos projetos políticos, havendo duas grandes forças internas que concorriam entre si para determinar candidaturas e os caminhos que corrida eleitoral teria de seguir. De aliados a ferrenhos opositores, José Sarney e Vitorino Freire⁷ travaram disputas sobre a presidência do Diretório Estadual do partido e sobre quem detinha mais influência com o Presidente da República. Em jogo, a candidatura de Sarney ao Senado e a indicação do nome do novo governador do Maranhão.

Articulado com deputados e prefeitos, Sarney assume o comando do diretório estadual da ARENA, emplaca a própria candidatura ao Senado e participa da definição do nome de Pedro Neiva de Santana para eleição indireta na Assembleia Legislativa ao executivo estadual. Sarney esvazia a ala política de Vitorino e se consolida como habilidoso ator político no estado. O embate é narrado pelo *O Progresso* com base em informações já publicadas por outros impressos de abrangência nacional e estadual, como o jornal *O Globo* e o *Jornal Pequeno*.

Nas agremiações partidárias de Imperatriz também foram registrados conflitos. Na ARENA, o presidente da Câmara Municipal, Wenceslau Brito, foi barrado pelo diretório local de registrar candidatura para reeleição ao cargo de vereador, sob acusação de infidelidade partidária. O mesmo problema ocorreu no MDB, quando importantes lideranças do partido insistiam em declarar apoios a candidatos filiados à ARENA. O próprio vice-prefeito, Dorgival Pinheiro de Sousa (MDB), se envolveu no impasse ao se aproximar do candidato a deputado federal João Castelo (ARENA). Os conflitos partidários somam 22 matérias ao longo do período eleitoral.

Foram ainda verificadas 14 matérias que tratavam da futura gestão do médico Pedro Neiva de Santana, que teria início no ano de 1971. Há um esforço do jornal em narrar as demandas e necessidades de Imperatriz, a fim de chamar a atenção do novo gestor.

Por fim, o jornal realizou uma cobertura tímida sobre os resultados da votação. Excepcionalmente no domingo pós-eleição, o impresso deixou de circular devido à ausência da cidade de Juvê de Macedo, redator-chefe. Além de jornalista, Juvê era advogado,

⁷Vitorino de Brito Freire (1908-1977) foi um servidor público, jornalista e político brasileiro que representou o Maranhão no Congresso Nacional como deputado federal (1946-1947) e senador (1947-1971). Através de alianças, seu grupo político comandou o Maranhão por duas décadas. A Oligarquia Vitorinista chegou ao fim com a eleição de José Sarney ao governo do estado (1965). De aliado, Sarney passou a ser o principal opositor político de Vitorino.

filiado ao MDB e participava das juntas apuradoras da Justiça Eleitoral na região. Essa ligação partidária impediu a circulação do impresso na semana seguinte, pós-eleição, como justificou o veículo na edição de 15 de novembro de 1970. O jornal, portanto, expõe e documenta seus laços com os partidos políticos locais, um indício que ajuda a compreender os direcionamentos das abordagens políticas.

Essa questão fica mais evidente quando se percebe a atenção dada as **obras e ações da prefeitura municipal**. São 24 textos que noticiaram leis, projetos, benfeitorias e demandas do executivo, sendo esta outra categoria de análise. Percebe-se que a visão de cidade e de progresso da gestão municipal é a mesma defendida em editoriais pelo impresso. Para tornar clara esta categoria, uma grande bandeira política do prefeito Renato Cortez Moreira, por exemplo, dizia respeito à implantação da rede de energia elétrica na cidade. O assunto foi pautado em todos os encontros do prefeito com autoridades das esferas estadual e federal, ganhando destaque de capa. Um terceiro grupo de matérias referiam-se ao **Governo do Estado** em exercício no ano de 1970. Foram encontrados 07 textos que tratam sobre os últimos dias do governador Sarney e a transição para o governo interino de Antônio Dino.

Atores políticos

Levou-se em consideração os registros sobre os personagens, quando apresentados como figura central da narrativa jornalística. Os números apresentados são referentes aos 157 textos verificados na cobertura política, através do recorte da pesquisa. Observa-se que a notoriedade das personalidades é uma característica marcante na cobertura. Percebe-se que os cinco nomes com maior frequência nas entradas de matérias são figuras que detinham grande força no jogo político de Imperatriz ou do Maranhão.

Tabela 3 - Atores que mais aparecem na cobertura política

Ator	Posição no jogo político	Nº de textos
Renato Cortez Moreira	Prefeito de Imperatriz (MDB)	22
José Sarney	Ex-governador e candidato ao Senado (ARENA)	19
Pedro Neiva de Santana	Futuro governador do Maranhão (ARENA)	14
Antônio Dino	Governador interino (ARENA)	8
Vitorino Freire	Senador do Maranhão (ARENA)	6
Wenceslau Brito	Presidente da Câmara Municipal (ARENA)	6
Epitácio Cafeteira	Candidato ao Senado (MDB)	5
Augusto Rademaker	Vice-Presidente da República (ARENA)	4
João Castelo	Candidato a deputado federal (ARENA)	4

José Burnett	Deputado federal e candidato à reeleição (MBD)	4
--------------	--	---

Fonte: Elaborado pelos autores

Estes resultados comprovam a categoria anterior, que tratou sobre os temas abordados. Ocupando posição de destaque, o prefeito Renato Cortez Moreira é quem mais aparece no grupo. O jornal já em sua primeira edição traz na capa um resumo das ações e projetos da gestão municipal, mantendo esse tipo de cobertura no decorrer de 1970. Também através das notícias, percebe-se que a agenda do prefeito, sobretudo as viagens oficiais, mereciam ser informadas. Os assuntos ligados ao prefeito eram sempre relacionados a benefícios para Imperatriz, com abordagens positivas. Em nenhum momento o jornal contesta ou levanta debate sobre atos de Renato Moreira, como gestor público.

Por fim, vale destacar a presença de Sarney nas publicações. Os números apontados refletem o sucesso das articulações que o político empreendia na época. No início da década de 1970, Sarney, dentre os políticos maranhenses, era o que mais ganhava apoios no estado e inclusive, a simpatia dos militares e do Presidente da República. Pela influência e a habilidade política e comunicativa que dispunha, Sarney se projetou nacionalmente, tornando-se figura relevante na cobertura noticiosa.

Considerações finais

O jornal *O Progresso*, através de suas manchetes, notícias e reportagens, traz referências para que possamos apreender a movimentação política em 1970 nas eleições estaduais. Há uma intensidade na cobertura sobre as disputas na Assembleia Legislativa, mas pouco destaque para a renovação na Câmara Municipal. Analisamos a atuação do jornal a partir das disputas de classes pela hegemonia política, compreendida através das contribuições de Antonio Gramsci. Outra perspectiva teórica para desnudar o trabalho do jornal é a teoria construcionista, a apontar o jornalismo como resultado das conjunturas históricas.

Um dos destaques é José Sarney, que costura sua ida para o senado federal, após o mandato de governador. Ele assume o comando do diretório da ARENA, consolida a sua própria candidatura e participa da definição do nome de Pedro Neiva de Santana para eleição indireta na Assembleia Legislativa ao executivo estadual. Sarney, então governador do

Estado, dominará a ala política de Vitorino Freire, seu antigo aliado. As matérias analisadas apontam os embates, porque o material jornalístico atenta que foram registrados conflitos.

É destaque também os temas o governo estadual interino de Antônio Dino, e a definição da gestão estadual de 1971-1975. Na primeira categoria, foram encontrados 07 textos que se referem a continuidade das ações que já vinham sendo implementadas pelo governo Sarney. Já a segunda, foram verificadas 14 matérias que tratavam da nova administração estadual.

Nota-se que cinco nomes com maior frequência nas entradas de matérias são figuras que detinham grande força no jogo político de Imperatriz ou do Maranhão. No entanto, a cobertura do jornal silencia sobre os resultados da votação, sobre a qual dá pouco espaço. Por outro lado, acenando sua posição nos embates, ressalva nas matérias as obras e ações da prefeitura municipal, lideradas pelo prefeito Renato Cortez Moreira (MDB).

O periódico sinaliza apoio ao MDB, mas acena, pelos enquadramentos de sua cobertura política, para as disputas da ARENA, num jogo para não perder apoio nos partidos que lutam pelos domínios político local, estadual e nacional. Ao documentar aspectos da realidade, a folha impressa delinea sua posição frente às forças que vão definindo o destino do país por meio das alianças e das acomodações.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, T. S.. **História da Imprensa em Imperatriz – MA: 1930 – 2010**, São Luís, EDUFMA, 2018.

ASSUNÇÃO, T. S.; PINHEIRO, R. A.. Jornalismo em Imperatriz - MA: os jornais impressos em tempo de mudança (1970- 1989). In: **Revista Brasileira de História da Mídia**. v.1, n.2, julho-dez. 2012. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4028>. Acesso em: 20 mar. 2021.

BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed.70, 1977.

COUTINHO, C. N.. O conceito de política nos cadernos do Cárcere. In: COUTINHO, Carlos Nelson e Andréa de Paula Teixeira. **Ler Gramsci, entender a realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GRAMSCI, A.. **Cadernos do Cárcere: os intelectuais, o princípio educativo e o Jornalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FRANCISCATO, C. E.. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju; Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

FRANKILIN, A.. **Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz.** Imperatriz, MA: Ética, 2008.

GEHLEN, M. A.; GUIMARÃES, A. F.. Ditadura, censura, resistência e desafios do jornal O Progresso de 1970 a 1985. In: **Jornalismo, mídia e sociedade: as experiências na região Tocantina.** Org. Nayane Cristina Rodrigues de Brito; Rodrigo Nascimento Reis; Roseane Arcanjo Pinheiro; Thays Assunção Reis. Imperatriz: EDUFMA, 2017.

MARCONI, P.. **A censura política na imprensa brasileira 1968-1978.** São Paulo, Global, 1980.

MORAES, D.. Comunicação, Hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. In: **Revista Debates**, Porto Alegre, v.4, no 1, jan-jun, 2010.

ROMANCINI, R.; LAGO, C.. **História do Jornalismo no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2007.

SOUSA, J. P.. **A notícia e seus efeitos.** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>. Acesso em: 20 mar. 2021.

VIEIRA, J. M.. **Lutas, fracassos e vitórias.** Imperatriz: Editora Ética, 2008.